

# Twist

Circus do Suannes

**“Eu invento, mas invento com a secreta esperança de estar inventando certo.”**

(Lygia Fagundes Telles)

Contemos uma fábula. No tempo em que as coisas falavam, o marido da bateria de telefone celular, para encerrar uma discussão, diz à mulher: **“E vá para o diabo que a recarregue!”** Qual a reação do leitor diante de um disparate desses? Analise-se e conclua.

O autor desse texto pretendeu conduzir o leitor para um caminho e, repentinamente, tomou um rumo inesperado, deixando-o **a ver navios**. Ou **no mato sem cachorro**, como também se diz.

Experimente, durante uma discussão, dizer ao seu adversário: **“Quer saber do que mais? Vá pra santa que te pariu!”** Ele (ou ela), certamente, se ofenderá, talvez até parta para as vias de fato, não por aquilo que você disse, mas por aquilo que ele imaginou que você estaria pensando, pois ele tinha no arquivo mental outra frase contendo o verbo **parir**. Você acabará pagando não por aquilo que disse, mas por aquilo que o ouvinte imaginou que você teria pensado antes de dizer o que disse.

Arte é isso: um diálogo entre quem faz e quem é chamado a apreciar o que foi feito.

O. Henry, pseudônimo do contista norte-americano William Sydney Porter, que, por sinal, teve uma vida desgraçada, digna de um drama cinematográfico, morrendo precocemente, por causa do álcool, tem um livro, **Páginas da Vida**, no qual todos os contos têm um final surpreendente, absolutamente inesperado. Houve, aliás, um filme contendo alguns desses belos contos, que, por esses mistérios que só a estupidez humana pode explicar,

jamais foi convertido em [DVD](#) por aqui. Charles Laughton como um mendigo que assedia uma sensual e solitária Marilyn Monroe, na véspera do Natal, para poder passar o geladíssimo fim de ano na aquecida cadeia local, é algo simplesmente inesquecível. Um ladrão de bancos, agora regenerado, vê-se obrigado a “voltar à ativa” no dia em que a filha do dono do banco onde ele agora trabalha fica preso no cofre novo, cujo segredo ninguém ainda conhece. Um casal de namorados que trocam presentes de Natal, imaginando estar a complementar algo que falta ao outro. Ela vende os seus. Não vou estragar a surpresa. São contos que vale serem lidos ou relidos.

[Sem Perdão](#), de Frederick Forsyth, segue o mesmo caminho.

É a chamada técnica *dotwist*, que não só os escritores costumam usar, mas também os teatrólogos e os cineastas, e que pretende colher o leitor (ou o espectador) numa armadilha.

No filme *Spellbound* (o nome que lhe deram em português é horroroso: *Quando fala o Coração*) Alfred Hitchcock fez uma dessas brincadeiras: Gregory Peck considera-se um criminoso e, por isso, Ingrid Bergman, que põe e tira os óculos para nos mostrar que é uma psiquiatra, está empenhada em demonstrar-lhe que isso é uma ilusão, fruto de um trauma da infância e outras freudianices que têm, de quebra, pesadelos ilustrados por ninguém menos do que o [Salvador Dali](#), que, aliás, não resistiria a uma boa sessão de psicoterapia. A certa altura do filme, a câmara nos mostra, do alto da escada, o velho professor esparramado na cadeira, lá no centro da biblioteca, a sugerir-nos que teria ele sido mais uma vítima daquele criminoso. Entretanto.

*Carrie, a Estranha*, que consagrou o incipiente e hitchcockiano diretor Brian de Palma, tem uma cena célebre, que, na ocasião em que foi exibido, há 30 anos, despertou, como não poderia deixar de ser, um grito uníssono dos espectadores, eu incluído. A habilidade do diretor estava justamente em colocar a cena em um momento em que ela não seria jamais esperada. Um inesperado *twist*. É claro que também não vou tirar o prazer do leitor antecipando-lhe o susto, se ainda não viu tal filme.

O mesmo ocorreu com *Black-out* (em português, *Um Clarão nas Trevas*), no qual Audrey Hepburn interpreta uma cega que, vinda do Exterior, transporta, sem o saber, numa boneca, certa porção de cocaína, que depois é procurada, em seu apartamento, por traficantes, um deles um sádico. Tema atualíssimo, não fosse o filme de 1967, filmagem, aliás, de uma peça teatral, que, exibida no Brasil, teve, no papel da cega, Regina Duarte, em uma de suas raras interpretações no palco, ainda mocinha. A técnica do *twist* funciona ali à maravilha. Tanto que minha acompanhante apertou-me a mão com tanta intensidade que a unha dela se cravou na palma da minha mão.

Mais recentemente tivemos o imperdível [Sexto Sentido](#), com a frase famosa: *I see dead people!* Eu e minha mulher permanecemos no cinema para ver o filme uma segunda vez apenas para ver a expressão dos expectadores quando aparece o inesperado *twist*.

Dia desses recebi uma mensagem eletrônica de um ex-aluno, que mostra como algumas coisas que dizemos em aula ficam guardadas na memória dos nossos alunos, se a aula não é uma monotonia insuportável, como ocorre tantas vezes. Eu lecionava, naquela ocasião, *Noções de Direito Público e Privado* em curso de Administração de Empresas. O tal aluno agora me informa que, motivado por aquelas aulas, foi fazer o curso de Direito, tanto quanto seu filho, que eu não cheguei a conhecer, tornando-se ambos advogados. Diz ele: *“Lembro-me de uma resposta que você dava diante de toda pergunta que um de nós fazia: depende!”*

De fato, eu dizia que não é tão importante alguém dizer que tem direito a este ou àquele bem da vida. Importante é ele provar isso. Logo, a possibilidade de ele vir ou não a desfrutar de tal direito depende menos de ele afirmar ter direito a isso do que da prova que ele faça a respeito de ter esse direito. Quando algum aluno me fazia alguma pergunta, seus colegas respondiam, antes de mim, com o sonoro *depende*.

Cinemaníaco que sempre fui, utilizei-me do expediente do *twist* em uma de minhas aulas, com propósitos pretensamente didáticos. Foi assim: quando falava dos chamados *frutos civis* (aluguel, renda e que tais), perguntei quem ali gostava de chupar laranja, fruto da

laranjeira. Obtida a resposta, repeti a pergunta usando agora outra fruta, uva que seja. Havendo obtido a atenção da classe, renovei a mesma questão a um terceiro aluno: ***“Se eu lhe desse agora uma manga, você chuparia?”*** Ante a resposta afirmativa do aluno, apresentei-lhe, num autêntico *twist*, a manga de meu paletó para que ele a chupasse. Ele apenas olhou-me atônito, sem saber o que dizer ou fazer. Na verdade, eu havia condicionado a resposta futura, ao falar, antes, de *frutos* e *frutas*, produzindo a associação de idéias dele, necessária para minha surpreendente pergunta. A lição que eles jamais esqueceriam: há frutos e frutos.

Expedientes desse tipo, com fins didáticos, tinham um efeito extraordinário, embora isso me custasse muito esforço mental, pois tinha de inventar sempre alguma coisa nova, para motivar a classe, já que muitos alunos do curso noturno, havendo trabalhado durante o dia, chegavam sonolentos para a aula. Sempre que possível eu introduzia na exposição um chiste desses, também com finalidade mnemônica. Lembrando-se da anedota, o aluno, quase sempre, se lembraria da matéria onde ela havia sido incluída.

O que não impediu que um dos alunos, muito espirituoso, durante uma prova, indagasse: ***“Mestre, eu não me lembro da resposta à quinta questão, mas me lembro perfeitamente da piada que você contou naquela ocasião. Posso apenas escrever a piada?”***

Uma *gag* digna de um Hitchcock.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/twist>